

Uma talentosa atriz conta como encontrou sua maior realização criadora.

EU TINHA MÊDO

DE TER FILHO

Julie Harris

Segundo narrativa feita a Betty Friedan

EU COSTUMAVA achar que as mulheres que não fazem se não ter filhos eram criaturas estúpidas. O que eu sempre havia sonhado era ser uma grande atriz, uma estrêla como Sarah Bernhardt. Representar era tôda a minha vida. Mas como mudei de idéia!

A mudança começou quando me casei com Manning Gurian. Na linguagem teatral não existem palavras para o amor de todos os dias, palavras que exprimam o que significa a gente sentir-se todos os dias em perfeita união com alguém, ainda mesmo quando aquilo que mais se deseja neste mundo é ser uma grande atriz.

Estava me preparando para começar a ensaiar o papel de Joana d'Arc na peça *A Cotovia*. Nunca me haviam dado papel tão importante; era a minha grande oportunidade. Eu já estava estudando e preparando minha parte, quando descobri que ia ter um filho.

Fiquei assustada. Como poderia

assumir a responsabilidade pela vida de outra criatura? Que espécie de mãe eu poderia ser? Minha esperança era que não fôsse uma menina, para que não tivesse de enfrentar as dúvidas, temores e desesperos que eu considerava parte integrante da condição feminina.

À medida que o tempo passava eu me olhava no espelho e via minha cintura aumentando cada vez mais. E então comecei a achar aquilo maravilhoso. Um belo dia pus de lado os livros sôbre Joana d'Arc e escrevi aos produtores que não poderia, naquele ano, representar *A Cotovia*. E disse a meu marido:

—Vamos comprar alguns livros sôbre bebês.

Durante o café da manhã, enquanto Manning lia o jornal, li o livro de Grantly Dick Read sôbre o parto natural* no qual aprendi que o parto em si não é doloroso, mas a contração dos músculos—pro-

* Ver "O Temor do Parto", Seleções, agosto de 1947.

vocada pelo medo—é que causa a dor. Estava decidida a ter um filho pelo parto natural, a fim de passar conscientemente pela experiência completa.

Sou bastante medrosa. Tenho medo de ficar sòzinha num quarto à noite. Cada vez que entro no palco fico com as palmas das mãos molhadas. Minhas amigas duvidavam que eu agüentasse o parto natural. Até o meu médico dizia e repetia:

—Certas pessoas são mais resistentes à dor do que outras. Não sei se a senhora poderá agüentar.

Só meu marido achava que eu podia, e pôs-se a estudar comigo cada passo da preparação. Era como se estivéssemos preparando um papel importante numa peça de teatro, um daqueles que exigem que a pessoa dê tudo o que tem.

Tôdas as manhãs fazíamos juntos os exercícios: nas pontas dos pés, braços esticados para trás, olhar para o alto, e abaixar; afastar os joelhos, agachar-se e levantar. Manning me corrigia:

—Afaste mais os joelhos, endireite as costas . . . assim.

E fazia-me repetir junto com êle.

Ao mesmo tempo começamos a reformar uma casa em Nova York. Primeiro nós mesmos pintamos o quarto do bebê e nêle ficamos morando enquanto os pintores trabalhavam no resto da casa. Em junho comecei a ter a impressão de que eu sempre fôra grávida. O bebê devia nascer a 15 de julho. Chegou e passou o dia 15, e o 16, e o 17. O ho-

mem que raspava os soalhos contou que a mulher dêle tinha esperado quase 11 meses. É o meu caso, pensei, pelo menos um mês ainda.

No dia 19 acordei às quatro da manhã com uma dor de estômago. Comi alguma coisa que me fêz mal—disse comigo mesma—e tornei a dormir. Às seis acordei meu marido:

—Acho que estou começando a ter o bebê. Mas talvez seja só impressão.

As cólicas eram leves, como o fechar e abrir de uma mão com fôrça.

—Talvez—disse êle.—Mas diga-me cada vez que doer, para eu marcar o tempo.

As dores se repetiam cada sete minutos. Manning, que tem muito espírito prático, achou melhor nos vestirmos, e telefonou ao médico que nos mandou ir imediatamente para o hospital. Comecei a convencer-me de que chegara a hora.

No táxi, com Manning me segurando a mão, de repente me dei conta de que não estava com medo nenhum. Minhas mãos não estavam nem um pouco suadas. O que eu sentia era a alegria esfusiante de ter finalmente chegado o momento pelo qual eu esperava tanto tempo: era aquilo que eu sempre desejara sentir numa noite de estréia, quando as luzes se apagam, o público se aquieta e o pano começa a subir.

Manning ficou algum tempo no meu quarto, depois saiu para tomar café, enquanto a enfermeira me preparava. Eu pensava: é hoje que meu filho vai nascer! Olhei para a janela,

e tive ímpetos de gritar aos passantes: "Meu filho vai nascer!" Exultava com a minha importância. O médico entrou no quarto e me examinou. Então Manning voltou com duas rosas num vaso e uma porção de revistas de cinema. Nos momentos de crise eu sempre leio revistas de cinema.

Ao meio-dia o trabalho de parto estava em meio, e eu dizia a Manning que, na verdade, não doía tanto assim. Êle ficava segurando minha mão e sorrindo para mim em silêncio até que terminava a contração. Então eu respirava fundo, e êle indagava:

—Que tal foi desta vez?

Manning não parecia aflito nem afobado, pois também se havia preparado para o acontecimento. O fato de tê-lo ali, tranqüilamente sentado junto a mim, enchia-me de confiança e calma, coisa que no palco ninguém pode transmitir e cada um tem de encontrar no seu próprio íntimo.

À 1h 30m comecei a perder sangue, e alardeei:

—Agora vamos entrar em ação!

De repente senti uma necessidade tremenda de fazer fôrça para expelir alguma coisa de dentro de mim que precisava sair.

—É a cabeça do bebê que está empurrando para baixo!

Compreendi que estava na segunda fase do parto. Fiz fôrça para expelir, arquejando:

—Não é formidável? Tudo aquilo que nós lemos está acontecendo de verdade!

Agora cada dor me envolvia tôda, como se alguém me agarrasse e sacudisse—durante aquêles segundos; como se houvesse em mim uma fôrça de cem cavalos; como se dentro de mim houvesse fôrça suficiente para representar Lady Macbeth, Ofélia, Julieta e Joana d'Arc numa noite.

Agora as dores vinham de minuto em minuto. Quando eu fazia fôrça, sentia o corpo inteiro se contraindo, empurrando, forçando a criança a sair. Era o trabalho mais duro que eu já tinha feito, mas não era penoso nem monótono e sim estimulante como quando eu ensaiava e repetia um papel até que adquirisse vida. E cada vez eu ouvia um gemido doloroso.

—Sou eu?—perguntei a Manning.

O gemido me surpreendeu, pois o que eu sentia não era tanto a dor como aquêles esforços tremendo.

A enfermeira insistia em me oferecer sedativos, mas eu continuava recusando. Até o médico interno queria me dar alguma coisa, dizendo que eu estava me martirizando e que, sendo tanta a dor, eu não precisava me fazer de forte. Eu é que tive de animá-lo:

—Garanto que não é tão ruim assim. Não se preocupe.

Antes de entrar no palco eu sempre sentia verdadeiro pânico; ali, apesar da crescente excitação, sentia-me tranqüila. Bastava a mão de Manning segurando a minha para conservar-me calma e paciente. E então carregaram-me para uma cama

de rodas e êle teve de largar minha mão. Supliquei que o deixassem ir comigo para a sala de partos, mas foi inútil. O médico estava segurando minha mão. Mas a sensação não era a mesma.

Rodaram-me para uma sala de luz forte, deitaram-me sôbre outra mesa, enfiaram polainas brancas em minhas pernas, prenderam-me os pés e as mãos em estribos. Só então me senti desamparada e assustada. O médico tentou aplicar-me no rosto a máscara de éter. Fiquei apavorada, e depois zangada: iam me fazer perder o ponto culminante! E eu fazia questão de estar consciente quando nascesse o meu filho. Lutei tanto que desistiram da máscara.

Foi então que senti uma coisa tremenda, como se eu fôsse despedaçar-me em um milhão de pedaços. Era como um jôgo de futebol: eu deitada ali na sala de partos com tôdas aquelas figuras vestidas de branco me olhando fixamente, eu com a bola e o pessoal gritando "Fôrça! Fôrça!" E eu fazendo fôrça, correndo pelo campo abaixo até à vitória final, irradiando coragem e amor, empolgando o público.

È de repente eu, eu, Julie Harris Gurian, explodia de alegria. Senti a cabeça da criança saltar para fora de mim. Era meu filho que estava nascendo. Terminara a dor. Na paz que me invadiu ouvi a voz do Dr. Jack.

—É um menino!

Aí me anestesiaram para dar pontos. Depois, a primeira coisa de que me lembro é do médico debruçado sôbre uma cestinha num canto da sala.

—O bebê tem todos os dedos da mão e do pé e é bem acabadinho?— perguntei.

Então trouxeram-me o bebê puseram-no ao meu peito. Era uma criatura viva, respirando, mexendo as mãozinhas, uma pessoa! E eu havia pôsto no mundo aquela pessoa tão linda! Foi tal a alegria que comecei a chorar. Nunca havia sentido coisa assim, nem mesmo na noite em que estreei na Broadway.

Quando voltei para o quarto, Manning, assim que me viu, disse:

—Você está com um ar tão feliz! Mais feliz ainda que no dia do nosso casamento.

Era uma felicidade diferente. Eu sempre tivera a sensação de viver mais intensamente quando representava uma personagem do que quando era simplesmente eu mesma, mas no dia em que tive meu filho senti a vida mais intensamente do que nunca.

Durante tôda a minha vida sempre desejei ser realmente criadora como atriz, pois julgava que a atividade criadora era de tôdas a mais elevada. E é mesmo. Mas representar oferece apenas vislumbres de criação. A maternidade é a própria criação pròpriamente.

